



**MUSEU DE ARTE DE CRESCIUMA: INVENÇÃO E OUTRAS
INSTITUCIONALIDADES**

**MUSEU DE ARTE DE CRESCIUMA: INVENTION AND OTHER
INSTITUTIONALITIES**

Daniele Cristina Zacarão Pereira¹
PPGAV/UDESC
Associada ANPAP: Não

RESUMO

O Museu de Arte de Cresciuma é um projeto artístico que emerge como resposta à ausência de instituições museais de arte em Criciúma/SC, especialmente após o incêndio do Centro Cultural Jorge Zanatta, em 2017. Concebido como um museu de artista, museu fictício e museu como prática, adota estratégias institucionais para questionar e inventar outras formas de institucionalidade no campo da arte. Através da ativação de arquivos, exposições, ações educativas, publicações e presença digital, o museu reinventa formatos e narrativas, operando entre o real e o imaginado, o precário e o político. Ao se configurar como um museu em constante construção, o projeto se inscreve no debate contemporâneo sobre arte, memória, invenção institucional e novas institucionalidades, tensionando a lógica hegemônica dos equipamentos culturais tradicionais.

Palavras-Chave: Museu de artista. Invenção institucional. Novas institucionalidades. Práticas artísticas contemporâneas. Criciúma.

ABSTRACT

The Museu de Arte de Cresciuma is an artistic project that emerges as a response to the absence of art museum institutions in Criciúma/SC, especially after the fire at the Centro Cultural Jorge Zanatta in 2017. Conceived as an artist's museum, a fictional museum, and a museum as practice, it adopts institutional strategies to question and invent other forms of institutionality in the field of art. Through the activation of archives, exhibitions, educational actions, publications, and digital presence, the museum reinvents formats and narratives, operating between the real and the imagined, the precarious and the political. As a museum in constant construction, the project positions itself within the contemporary debate on art, memory, institutional invention, and new institutionalities, challenging the hegemonic logic of traditional cultural institutions.

KEYWORDS: *Artist's museum. Institutional invention. New institutionalities. Contemporary artistic practices. Criciúma.*

O *Museu de Arte de Cresciuma* pode ser entendido como um desdobramento da pesquisa *VISITA GUIADA*², que acompanhou o processo de abandono e incêndio do Centro Cultural Jorge Zanatta, o principal equipamento cultural da cidade de



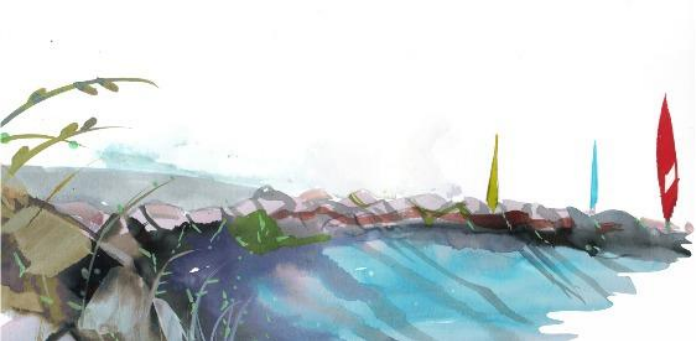
Criciúma/SC. Para a elaboração dessa investigação, que envolve prática artística e crítica institucional, um considerável arquivo foi constituído, a partir de imagens, vídeos, textos, notícias, catálogos e livros de/sobre artistas, exposições de arte, projetos culturais, instituições, entre outros. A necessidade de tornar este arquivo público vem à tona com o incêndio no Centro Cultural Jorge Zanatta, em 2017, quando uma boa parte da memória da Galeria de Arte Contemporânea e das oficinas de artes são literalmente queimadas.

É nesse contexto que nasce o Museu de Arte de Criciúma, uma alternativa à ausência institucional, ao apagamento de memórias, à necessidade de re/invenção. Trata-se de um projeto artístico que adota práticas e estruturas museais para problematizar os formatos tradicionais das instituições de arte. Sendo assim, este museu pode ser definido como um museu de artista, um museu fictício e/ou um museu como prática, como descreve Gervásio (2016, p.79):

[...] são muitos os termos usados para designar as obras artísticas que têm o museu como principal objeto de investigação. Seja para recriar espaços expositivos ficcionais, para investigar o papel da preservação, do arquivo ou do colecionismo, para retratar a função do profissional do museu, ou mesmo para repensar o acervo de instituições museológicas, são muitos os exemplos de artistas que atuam nessa linha de investigação na contemporaneidade.

Numa perspectiva histórica, vale citar o *Museu Imaginário* (1947) de André Malraux, a *Boîte-en-valise* (1935-1968) de Marcel Duchamp e o *Musée d'Art Moderne* (1968) de Marcel Broodthaers. Estes foram artistas que criaram seus próprios museus, apropriando-se de práticas, estruturas e discursos institucionais, ao mesmo tempo que colocaram em xeque a necessidade desses sistemas.

O Museu De Arte De Criciúma é um museu em construção permanente, inventado pelo desejo de repensar criticamente nossas histórias e contextos, explorar outras narrativas que ficaram à margem, imaginar outras Criciúma(s) possíveis. Seu processo de constituição envolve também a ideia de invenção e de imaginação institucional como prática estética e política.



De modo geral, na historiografia tradicional e na documentação oficial, Criciúma foi fundada em 1880 por imigrantes italianos. São raros os estudos que têm preocupação em apontar a presença indígena e de população descendente de açorianos, negros e lusos que habitavam a região antes de 1880 (Triches; Zanelatto, 2025, p. 21).

Esse movimento de ruptura inicia com a adoção do nome originário da cidade: Cresciúma, que, sendo de origem indígena, significa “taquara pequena”, em referência ao capim de mesmo nome, abundante na região durante a colonização. Outro movimento importante é a criação - ainda que ficcional - de um museu de arte em uma cidade que não tem museu de arte. Neste sentido, a adoção do status de museu confere ao projeto uma “autoridade”, assumindo o papel de instituição e ocupando espaços vazios.

Historicamente, a criação de museus no contexto latino-americano está ligada a uma tentativa de modernização cultural pela adoção de modelos institucionais norte geopolíticos. Sendo assim, a ideia de “efeito de museu sem museu”, desenvolvida por Felipe Prando (2018), sistematiza muito bem nosso fracasso recorrente com essas instituições: o museu até existe, mas falta gestão, manutenção, políticas de acervos, equipe técnica qualificada, recursos financeiros, entre outros.

Na medida que o museu mantém em seu horizonte o sonho de pertencer a determinados modelos, sem construir-se como tal, o que se vive é apenas o desejo, isto é, a sua fada e a das inscrições decorrentes de sua existência. Vivemos o efeito de museu sem museu, pois atuamos como se estivéssemos inseridos numa racionalidade museológica quando na nossa realidade somos defrontados com instituições cujas existências são incertas, ou nulas (Prando, 2018, p.10).

Nesse cenário de instituições precárias, o Museu de Arte de Cresciúma pode ser lido também à luz das proposições de Françoise Vergès (2023), que em *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta* propõe uma ruptura radical com as lógicas coloniais, racistas, patriarcais e capitalistas que historicamente estruturaram os museus ocidentais. Segundo Vergès, não basta adotar reformas superficiais ou ações pontuais de inclusão: é necessário um programa de desordem absoluta, que questione a própria existência do museu enquanto instituição colonial e proponha



formas de memória, arquivo e exposição que sejam construídas a partir de outros referenciais éticos, políticos e culturais.

O Museu de Arte de Crescúma, ao operar como um museu de artista, ficcional, provisório e experimental, tensiona os limites institucionais tradicionais, praticando o que Vergès apontaria como uma desconstrução das hierarquias museológicas e a invenção de outras formas de existir e de narrar histórias. Sua precariedade, longe de ser apenas uma limitação, se transforma em potência criadora e política, que ecoa a proposta de Vergès ao propor outras formas de organização de memória, baseadas em coletividade, reparação e reimaginação dos espaços culturais.

Constituído inicialmente por um arquivo fragmentado de imagens, textos e projetos de artes visuais que aconteceram na cidade de Criciúma/SC, o Museu de Arte de Crescúma pretende re/criar espaços expositivos, investigar o papel da preservação e do arquivo, promover programas públicos e refletir sobre as práticas institucionais no campo da arte e seus contextos precários.

Inaugurado em fevereiro de 2020, com uma instalação temporária em uma das salas da recém-inaugurada Galeria de Arte do Centro Cultural Jorge Zanatta, em Criciúma/SC, o museu apresentou um arquivo com convites, múltiplos, catálogos, recortes de jornais e documentos oficiais do município, uma biblioteca com livros referenciais para a construção do museu e uma lojinha com souvenirs (caneca, bolsa, botom e lápis). Na sala, que mede um pouco mais de 3 m², uma parede recebeu um texto em formato de lista que descreve o que é ou pode ser este museu (Imagem 1). Do lado oposto, um letreiro indicava: Museu de Arte de Crescúma. Ao centro da sala encontrava-se uma mesa e dois bancos, onde estavam disponíveis para manuseio os arquivos e a biblioteca (Imagem 2). Na lateral, próximo à porta de entrada/saída estava instalada na parede uma prateleira com os souvenirs da lojinha. Na porta, uma placa indicava Museu De Arte De Crescúma. Durante todo o período da mostra, o museu recebeu doações de novos materiais para sua coleção, realizou visitas guiadas e três aulas abertas, com os temas: Museu como prática artística, Museu como livro e Museu como escola.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. *Museu como (lista)*, Museu de Arte de Criciúma, 2020, Centro Cultural Jorge Zanatta, Criciúma/SC.



Imagem 2. *Letreiro, arquivo e biblioteca*, Museu de Arte de Criciúma, 2020, Centro Cultural Jorge Zanatta, Criciúma/SC.



Essa primeira experiência, realizada em fevereiro de 2020, foi interrompida pela chegada da pandemia da COVID-19. A partir de então, o Museu tem adotado também ações no espaço virtual, em parceria com artistas e acadêmicos do Curso de Artes Visuais da UNESCO. O projeto *museu [temporariamente] ocupado*, por exemplo, descrito como uma (des)programação para tempos de pandemia, foi proposto pelas alunas da disciplina de Museologia em Arte e Expografia, no Curso de Artes Visuais da UNESCO. O projeto se deu pela ocupação do perfil do Museu na rede virtual Instagram³, com publicações, lives-debates e produção de audiovisual a partir de referências do próprio arquivo do Museu. Neste contexto, o Museu de Arte de Crescuma tornou-se um laboratório para pensar possibilidades de atuação das instituições de arte durante e pós-pandemia.

Outra proposta que dialoga com a interface virtual do museu é a *Seção Itajaí*, um projeto selecionado pelo Edital de Ocupação da Galeria Virtual⁴ da Fundação Cultural de Itajaí/SC. A Seção Itajaí inaugurou a itinerância do Museu de Arte de Crescuma pelo estado de Santa Catarina, buscando construir interlocuções entre as cidades de Criciúma e Itajaí, a partir de uma chamada pública para criação de um arquivo construído de forma colaborativa com artistas e agentes culturais da cidade. Dessa forma, a itinerância do Museu de Arte de Crescuma propõe ainda a construção de um mapeamento de espaços e iniciativas artísticas pelo território catarinense.

A partir dessas experiências no espaço digital, surgiu o projeto *Museu de Arte de Crescuma: Plataforma Virtual*, financiando por um edital público de incentivo à cultura, que propôs a criação de um site⁵ para o Museu, configurando-se como uma plataforma experimental de mediação cultural on-line. Neste espaço virtual, é possível encontrar registros dos projetos realizados pelo museu, além de informações sobre seus setores e seções – arquivo, biblioteca, educativo, lojinha e redes de contato.

Em julho de 2022, lançamos a publicação *SEÇÃO E*, organizada em parceria com a artista Claudia Zimmer, resultado de outro projeto financiando por um edital público de incentivo à cultura. *SEÇÃO E* apresenta seis livros que versam sobre temas



distintos, porém extremamente relevantes ao debate contemporâneo: Ensaio, de Fabíola Scaranto, Estória, de Fernando Boppré, Escolas de artistas, de Mônica Hoff, Encontros, de Fran Favero, Exposição de net art, de Marina Bortoluz Polidoro e Excluir, de Carolina Saut Schroeder. Tal publicação é pensada como uma seção da biblioteca do Museu de Arte de Cresciúma. Desse modo, o design gráfico da publicação prevê, em sua forma, características de uma obra catalogada pelo Museu. O lançamento e distribuição gratuita da *SEÇÃO E*, realizado nas cidades de Criciúma, Chapecó, Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba, deram continuidade à ideia de itinerância do museu, que é “ativado” a partir de ações/situações que suscitam sua existência.

As ações de exposição, mediação, arquivo, publicação e circulação do Museu de Arte de Cresciúma re/inventam e/ou ficcionalizam práticas e estruturas institucionais. Dessa forma, podemos compreendê-las como novas/outras institucionalidades, como microinstituições móveis, precárias e autônomas, que operam muitas vezes na contramão da lógica de grandes aparatos institucionais de cultura.

No texto *Toda a Instituição é um acontecimento político* – cujo título parafraseia Hans Belting – os autores Emerson Dionisio Oliveira, Marize Malta e Maria de Fátima M. Couto (2022, p.15) discutem o poder da institucionalidade da arte:

Estar consciente das institucionalidades da arte é estar em alerta sobre as manipulações estratégicas e poéticas que interferem no modo como pensamos, vemos e compreendemos o fenômeno artístico, o que nos leva a questionarmos nossa própria autonomia de pensamento sobre arte. Considerar o poder da arte e a arte como poder suscita outros contornos para o enfrentamento da arte no mundo, na medida em que fazer, curar, expor, ver, pensar arte são atos políticos, sejam potências democráticas e transformadoras, sejam preconceituosas, alienantes e conservadoras.

Pensar o museu como prática artística é questionar a concepção tradicional da instituição de arte e sua estrutura de poder. Nesse exercício faz-se necessário imaginar novas/outras institucionalidade, plurais e democráticas, como sugere Bruna Fetter e Mônica Hoff (2022, p. 141):



[...] questionar estruturas de saber, estruturas de poder, modos estético-políticos de organização, autoridades temporárias. Mas também a realizar exercícios de revisão histórica, operações de adaptação discursiva. A pensar pluralidade de formatos, escalas, agentes, narrativas. Materialidades experimentais. Vínculos interdependentes. Novas, antigas, outras institucionalidades.

Dentre as reflexões lançadas por Fetter e Hoff (2022), que também atravessam as práticas do Museu de Arte de Cresciuma, vale destacar: como os processos artísticos contemporâneos têm pensado e abordado as instituições e os modos de institucionalidade da arte em suas práticas? Ou ainda, como as diferentes formas de existir em sociedade têm provocado outras institucionalidades na arte? Perguntas que, alinhadas ao programa de desordem absoluta de Vergès, desafiam o próprio sentido de museu, abrindo espaço para formas de instituição que operem pela dissidência, pela experimentação e pela reinvenção radical dos modos de preservar, narrar e compartilhar memórias.

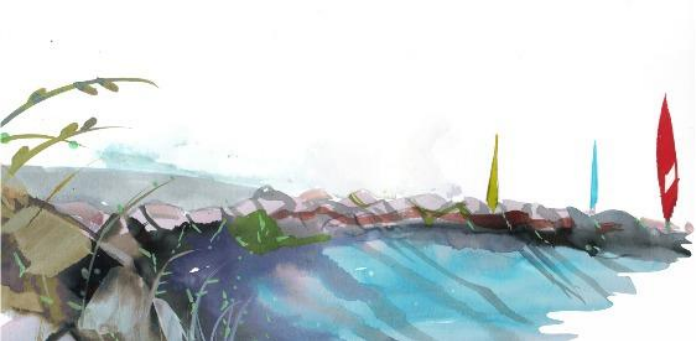
É neste sentido que o Museu de Arte de Cresciuma continua a operar: como um espaço de fricção entre memória e invenção, ausência e presença, precariedade e potência. Sua prática se constitui como um processo aberto, coletivo e em permanente negociação com o território e com os contextos políticos e culturais que o atravessam.

Referências

FETTER, B. W.; GONÇALVES, M. H. Modos de reinventar, pensar e fazer instituições: imaginar politicamente é imaginar coletivamente. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 135–145, mai.2022. DOI: 10.20396/modos.v6i2.8669169. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8669169>.

GERVÁSIO, Flávia Klausing. **Museus de artistas: A relação entre arte e museu na arte contemporânea no Brasil**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, E. D. G. de O.; COUTO, M. de F. M. .; MALTA, M. Toda instituição é um acontecimento político. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p.



01–19, mai.2022. DOI: 10.20396/modos.v6i2.8669372. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8669372>.

PRANDO, Felipe. **Efeitos de museu sem museu**: A crítica institucional em contextos precários. Florianópolis: par(ent)esis, 2018. 105 p.

TRICHES, Janete; ZANELATTO, João Henrique. **História política de Criciúma no século XX**. Criciúma: Unesc, 2015. 388 p.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 272 p. Tradução: Mariana Echalar.

Notas

¹ Artista, professora e pesquisadora. Doutoranda em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Atua como professora do Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4167474893774003> ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6796-2829>

² Pesquisa de Mestrado, realizada no período de 2016 a 2018, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

³ <https://www.instagram.com/museudeartedecresciuma/>

⁴ <https://galerias.itajai.sc.gov.br/museu-de-cresciuma-secao-itajai/>

⁵ <http://www.museudeartedecresciuma.com/>